

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA

**Macumba no imaginário brasileiro: a  
construção de uma palavra**

Marcos Paulo Amorim

São Paulo, outubro de 2013.

FUNDAÇÃO ESCOLA SOCIOLOGIA E POLÍTICA

**Macumba no imaginário brasileiro: a  
construção de uma palavra**

Artigo apresentado no  
II Simpósio de Pesquisa  
da Fundação Escola de  
Sociologia e Política de  
São Paulo em Outubro  
de 2013.

Marcos Paulo Amorim

## MACUMBA NO IMAGINÁRIO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO DE UMA PALAVA

Marcos Paulo Amorim<sup>1</sup>

### Resumo

O interesse desta pesquisa está nas razões para a mudança de significado da palavra macumba nas décadas de 1930 a 1950, que resvalariam na dicionarização atual da palavra. Nosso pressuposto inicial está nas análises do antropólogo francês Roger Bastide (1898-1974). Na obra do etnólogo, existem claras evidências a uma prática religiosa denominada macumba – o que vai de encontro com o nosso pensamento contemporâneo acerca da palavra. Apesar do reconhecimento de um afastamento de uma prática religiosa tradicional, ou seja, apartada do Candomblé, não existe na obra nenhuma conotação pejorativa, visto que este foi, por excelência, o campo de estudo do intelectual. Assim, desejamos, portanto, através da análise do verbete macumba no dicionário, refazer o discurso da mudança e da diferenciação entre religiões afro-brasileiras e, por fim, estabelecer se houve algum tipo de aparato ideológico que orientou a esta palavra para a conotação negativa, por nós conhecida nos dias atuais.

### Palavras-Chave:

Macumba, representações, imaginário, dicionário, conceitos, exclusão.

### Abstract:

This research starts on the reasons to changing of the meaning for word “macumba”. I began this paper based on the anthropology book written by Roger Bastide (1898-1974). In his works, there is clear evidence of a religious called “macumba” - which goes against our contemporary thinking about the word. On Bastide, there is not any pejorative connotation although the recognition of a departure from Candomble. So, we wish through the analysis of the meanings of “macumba” on dictionary, rebuild the discourse of changing and differentiation among afro-Brazilian religions, and found if there was some kind of ideological apparatus that guided this word to the negative connotation known to us today.

### Key's word:

Macumba, representations, imaginary, dictionary, concepts, exclusion.

---

<sup>1</sup> Graduado em História. cursando Pós-Graduação em Estudos Brasileiros: Sociedade e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de Política de São Paulo(FESPSP). Atualmente educador no Museu da Língua Portuguesa e Professor de História pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE/SP).

## Introdução

Este artigo busca compreender os significados atribuídos a palavra macumba, identificando a mudança destes significados por meio de um verbete do dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Minha escolha na problematização do termo surgiu pela diferença do conceito entre o dicionário e o exposto na obra do etnólogo Roger Bastide, diferença que pode ser evidenciada fora da produção do antropólogo, nas décadas de 1930 a 1950. Os decênios recortados são preponderantes para a legalização e conceituação dos cultos afro-brasileiros, além de representarem o momento que Bastide ia a campo. O etnólogo produz após a Revolução de 1930, época ímpar para a legalização das religiões afro-brasileiras, conforme a análise de Lísias Negrão:

*“Com a Revolução de 30 e especialmente com o advento do Estado Novo, que se pretendia moderno e que, em nome da modernidade, perseguia os “arcaísmos”, a repressão contra estas práticas mágicas e cultos sincréticos não só recrudescer mas tornou-se particularmente dirigida contra os cultos de origem negra: nas portarias dos órgãos públicos responsáveis pela moralidade e segurança públicas, as ‘macumbas’ e os ‘candomblés’ são nominalmente citados como alvos das proibições, ao lado das genéricas práticas de feitiçarias, necromancia, quiromancia e congêneres’. Dá-se início a um intenso combate contra eles, com a apreensão de objetos rituais e prisão de pais e filhos-de-santo e a instalação de inquéritos e processos em que foram enquadrados como réus.”<sup>i</sup>*

Assim, escolhemos considerar esse processo, com o intuito de observar, com base em parte da bibliografia existente, as diferenças entre esses ritos e, por consequência, tentar localizar o hiato ou os eventos que teriam atribuído sentido a macumba como a conhecemos nos dias atuais.

### **Magia na República Velha e Religião no Estado Novo**

As religiões afro-brasileiras passaram por um longo caminho pela ilegalidade antes de serem reconhecidas, oficialmente, como práticas religiosas. Uma das primeiras manifestações culturais negras em solo brasileiro, o candomblé sobreviveu nos grandes latifúndios do interior do Brasil por meio de extensas adaptações e disfarces em uma aparente cristianização<sup>ii</sup>. Mais revelador que sua existência marginal, todavia, é o uso do candomblé pelos primeiros escravos na

construção de novas linhas de parentesco, uma vez que o parentesco sanguíneo fora cortado no processo do Tráfico Atlântico<sup>iii</sup>.

Essas religiosidades sempre estiveram imersas num intenso preconceito, bem como o preconceito em relação ao negro no Brasil do início do século XX<sup>iv</sup>. Apesar da pretensa laicização do Estado, característica primeira de uma república aos moldes positivistas<sup>v</sup>, o Código Penal de 1890 condenava práticas não cristãs e não científicas de cura, então consideradas crimes contra a saúde pública. No bojo dessa legislação, as religiões africanas também foram influenciadas pelo imaginário popular, proibidas e, portanto, novamente excluídas pelos aparelhos coercitivos do Estado<sup>vi</sup>:

“CAPITULO III  
DOS CRIMES CONTRA A SAUDE PUBLICA  
[...]

*Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou amor, inculcar cura de moléstias curaveis ou incuraveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:*

*Penas – de prisão cellutar por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.*

*§ 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das faculdades psychicas:*

*Penas – de prisão cellutar por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000.*

*§ 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercicio da profissão por tempo igual ao da condemnação, incorrerá o medico que directamente praticar qualquer dos actos acima referidos, ou assumir a responsabilidade delles.”<sup>vii</sup>*

A legalização de práticas religiosas não cristãs só ocorrerá durante o Período Vargas (1950-1954)<sup>viii</sup>, com o crescente incentivo a cultura afro-brasileira, influenciado por uma busca nacionalista, com objetivo de inserção do povo em âmbito político<sup>ix</sup>. Nesse contexto político, junto com a fundação da Universidade de São Paulo (1932) e da Escola de Sociologia e Política (1934) surgia uma série de estudos e produções intelectuais sobre as religiões africanas no Brasil<sup>x</sup>. O estudo dessas práticas<sup>xi</sup> leva a diferença entre os próprios candomblecistas e umbandistas, trazendo uma maior aproximação com as Áfricas, como os estudos de Pierre Verger<sup>xii</sup>, por exemplo. É justamente no interior dessa diferenciação, que a macumba enquanto religião teria se afastado das outras religiões afro-brasileiras<sup>xiii</sup>, em

movimento análogo a legalização de terreiros e espaços religiosos. Lísias Negrão<sup>xiv</sup>, em seu estudo sobre a umbanda, assinala o afastamento desta religião de sua matriz africana com a incorporação de características do espiritismo kardecista, o que poderia sinalizar a exclusão de uma prática chamada macumba, mesmo que se perceba uma exclusão anterior e ainda expressa nos dicionários contemporâneos. Contudo, antes de nos debruçarmos sobre nossa fonte em si, analisaremos o processo de legitimação da palavra macumba. Processo que encontra seu eco no expressado pelo dicionário.

### **Conceitos e representações**

*“Ao absorvermos os signos, incorporamos preceitos institucionais que nem sempre se apresentam tão claramente a nós. É necessário, então, indagarmos um pouco mais sobre a natureza do discurso persuasivo enquanto ponte para as falas institucionais.”<sup>xv</sup>*

Sabe-se que a origem da palavra “macumba” é controversa. Contudo, é possível verificar que algumas definições para esta palavra ficaram restritas ao dicionário, isto é, não representaram um uso corrente desta palavra, em especial, nos espaços de construção e legitimação das formas de conhecimento como jornais e textos acadêmicos.

Em Roger Bastide<sup>xvi</sup>, por exemplo, a palavra macumba aparece como sinônimo de agrupamento de pessoas num ritual de origem africana; uma transformação do candomblé ou mesmo uma perda dos valores tradicionais ao culto dos orixás<sup>xvii</sup>. O conjunto de saberes e práticas que compõe este ritual foram identificados pelo antropólogo, de modo diferente do termo dicionarizado. Isto não necessariamente reduz o símbolo a qual a palavra está atrelada, mas objetiva, ao mesmo tempo em que omite algo.

Ao reconhecer que palavras e seus significados não são estanques, percebemos que, o sentido múltiplo de uma única palavra num mesmo período histórico poderia revelar a rede de tensões ou negociações sociais que um determinado sentido submeteu-se ou impôs-se em confronto a outros sentidos. Esta negociação dependeria do locutor e interlocutor do enunciado. Uma vez que a escolha de um significado no dicionário, necessariamente, implica em uma identificação, representação e, por outro lado, exclusão de determinadas ações. Estas diferenças de enunciado geram não apenas uma forma de ver e conceber o ato

religioso por meio do sentido atribuído a palavra macumba, como também induz uma percepção sobre o comportamento atrelado a esta palavra, explicitadas novamente em Negrão:

*“Os estigmas sociais contra o negro e sua religião e as renovadas acusações mais do que seculares de que foram vítimas culminaram com a atitude ao mesmo tempo de hostilidade e de medo que até hoje inspiram. É exemplar deste caso o vocábulo macumba: de termo genérico para todas as religiões brasileiras de origem negra, ou então de nominativo de uma delas em especial, a de origem banto, desenvolvida no sudeste do país, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro a partir de fins do século XIX, passa a ser vista depreciativamente como sinônimo de superstição de negro, como magia negra que se despreza e se teme a um só tempo.”<sup>xviii</sup>*

São as diferentes formas de apropriação, de atribuição de sentido e significado às religiões afro-brasileiras, de onde podemos observar as relações de poder em jogo nos espaços de legitimação de enunciados, que poderiam ter levado a palavra macumba a sua atual conotação. O verbete analisado revela não somente a ruptura, mas a permanência de alguns significados e relações para a palavra macumba. Relações estas não estabelecidas na contemporaneidade, mas construídas em um processo histórico datado e definido. Nesse sentido, buscamos então estabelecer, por meio dos significados e seu contexto histórico e sociológico um “[...] objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’.”<sup>xix</sup>

### **Disputas e Negociações**

*“Por isso esta investigação sobre as representações suspensas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujo desafio se enuncia em termos de poder e de dominação.”<sup>xx</sup>*

Ao reconhecer, portanto, que o dicionário possa simbolizar uma percepção do social, sem esquecer que *“As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custa de outros...”<sup>xxi</sup>*, o livro celebra significados concebidos e projetados em um imaginário ou vivência social. Contudo, um dicionário não é capaz de uniformizar toda a comunicação ou o sentido atribuído a palavras visto que, normalmente, um verbete pode ou não *“... justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.”<sup>xxii</sup>* No interior

dessas escolhas, analisarei os significados expostos pelo dicionário Houaiss<sup>xxiii</sup> em um caminho inverso ao da história cronológica, qual seja: a exposição de um processo longo e histórico por meio de uma fonte encontrada no presente.

Parti da premissa que, se existe uma dicionarização controversa do termo, existem, por consequência, diferentes comportamentos sociais intrínsecos ao termo. Urge esclarecer o corolário de significados, datar, elaborar e sistematizar práticas e conceitos atribuídos. O que pode evidenciar uma construção e uma síntese das tensões entre as religiões afro-brasileiras, elaboradas e diferenciadas que resvalam nos significados do termo até os dias atuais. A fim de facilitar esta construção, reproduzo os significados da palavra no dicionário Houaiss, fazendo as devidas considerações na sequência. O primeiro significado apresentado no dicionário é:

*“Antigo instrumento de percussão de origem africana, espécie de Canzá que consistia num tubo de taquaras com cortes transversais onde se friccionavam duas varetas, e que era outrora usada em terreiros de cultos afro-brasileiros.”*

Apesar de este significado ser uso corrente em organizações políticas e religiosas, associando macumba a um instrumento musical, não fica claro quando ou quais foram seus usos em terreiros afro-brasileiros. A designação “*afro-brasileiros*”, em si, só demonstra um conflito maior, uma vez que este tipo de determinação é genérica e pode ser atribuída tanto a Umbanda, ao Candomblé ou a quimbanda. Nos textos etnográficos sobre essas religiões não se encontra uma descrição de qual divindade estaria ligada ao instrumento macumba. Por outro lado e, apesar da flexão verbal no passado (“*outrora*”), os textos mais clássicos sobre religiões afro-brasileiras como Roger Bastide ou Pierre Verger, por exemplo, não fazem referência ao instrumento. Seria possível um uso anterior? A ausência de respostas e de diálogo com o praticado nos cultos afro-brasileiros, só reforçam minha opinião que este significado teria ficado restrito ao dicionário.

O segundo significado: “*designação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas (p.ex.de Angola e Congo) e, também ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas*”, melhor se aproxima de algumas posições acadêmicas existentes. Contudo, a descrição feita no dicionário aproxima-se de uma designação da Umbanda. Apesar



de esta ser uma definição corrente, existe aqui uma completa dissociação do exposto pelo antropólogo Roger Bastide<sup>xxiv</sup>. Percebe-se na obra do francês uma homogeneização do conceito de macumba que se associa não a uma divisão, mas um afastamento da vertente tradicional do Candomblé. Portanto, o exposto por Bastide melhor se aproxima da definição 9, de que falaremos posteriormente.

No que tange a exclusão ou ao preconceito em relação ao termo, os significados expressos na sequência só reforçam os problemas sociais e externos a palavra. Os temas 4 a 8 só fazem variações de uma macumba relacionada ao feitiço ou a magia negra. Sabemos que esta definição está imbuída de um excessivo lugar comum. Acredito aqui, que a palavra tenha esse conceito contemporâneo, justamente, pelo processo tenso de legalização dessas religiões nas décadas de 1930 e 1950. Nessa época, existe uma clara campanha negativa, orquestrada pela imprensa e Estado e, posteriormente, pela Igreja Católica, com o intuito de coibir tais práticas religiosas no Brasil. O que talvez falte ao dicionário é a contextualização desses sentidos em um processo histórico marcado pelo preconceito e pela diferenciação.

Quando sugiro uma melhor contextualização histórica percebo que não estou sendo excessivo com a fonte. Visto que, no significado 9 existe uma clara contextualização histórica: “*RJ no início do século XX, filha de santo da nação Cabinda*”. Antes de discutirmos e nos relacionarmos com o verbete ou com o significado expresso nessa parte, precisamos entender o surgimento e o contexto deste. A definição surge no texto do jornalista João do Rio em 1904:

*“Eu estava atônito. Positivamente Antônio achava muito inferiores os cabindas.*

*- As iaôs?*

*- As filhas-de-santo macumbas ou cabindas chegam a ter uma porção de santos de cada vez. Sabe V.S.<sup>a</sup> o que cantam eles quando a iaô está em crise? [...]*

*Houve uma pausa e Antônio concluiu:*

*- Por um negro cabinda é que se compreende que africano foi escravo de branco. Cabinda é burro e em vergonha! – disse, e voltou à narrativa da iniciação das iaôs.*<sup>xxv</sup>

Escrevendo no jornal Gazeta de Notícias, o jornalista denunciava o suposto mercado religioso no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. A alusão

aos cabindas ou macumbas, nesse texto, serve como exemplo dessas diferenças e expõe o uso do sagrado para fins econômicos. Dados o contexto do autor e sua obra, o que mais me interessa é o uso sinônimo de cabindas e macumbas.

Cabindas são um povo do norte de Angola. Com identidade cultural distinta dos demais povos angolanos, possuem características religiosas igualmente diferentes. Insta esclarecer que os cabindas, considerados por alguns antropólogos como bantos, não cultuam Santos, como o expresso na reportagem, mas inquices. Inquices são divindades ligadas a terra, a natureza e aos objetos. Manifestam-se de forma diversa dos Orixás do Candomblé. Além disso, também possuem características próprias quando o praticante muda de região geográfica. Portanto, necessariamente, os macumbas observados pelo jornalista precisariam associar-se a outras entidades, inquices desta terra. Assim, as comparações entre transe e incorporação apresentadas no texto e no verbete só revelam o desconhecimento das nuances da religião cabinda e ainda servem para alimentar a associação leiga e externa da palavra como um grande campo onde pode ser inserido qualquer tipo de manifestação religiosa de matriz africana.

Evidentemente, as culturas religiosas afro-brasileiras não se isolaram. Existe uma permuta entre muitas delas, sobretudo nas décadas de 1930-1950. Entendo esta permuta como necessária a sua sobrevivência no Brasil pós Revolução de 1930. Ora, se existe um movimento do Estado em abrigar as religiões afro-brasileiras na mesma proibição, como impedir que estas manifestações não se identifiquem, não se encontrem e, posteriormente, não se separem ao fim do processo de coerção?

Mais do que essa diferenciação, o verbete permite-nos observar que a luta para uma negação de “macumba” enquanto sinônimo de “religiões afro-brasileiras” ou “Umbanda”<sup>xxvi</sup> resvala em um discurso completamente diferente presente no dicionário, reforçando e legitimando uma designação muitas vezes vista como pejorativa e excludente.

### **Considerações Finais**

*“Se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre ‘nós’ e ‘outros’, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados”<sup>xxvii</sup>.*

Parti do entendimento que a religião foi um dos espaços, se não o primeiro espaço, de reelaboração de identidades do negro nos primeiros anos do século XX. Dissociado da “marca” da escravidão, o negro não foi prontamente incorporado ao conceito de cidadão brasileiro<sup>xxviii</sup> – cabendo a religião um estabelecimento do ser-social e indivíduo em posição de reconhecimento e hierarquização<sup>xxix</sup>. Sabendo que religiões afro-brasileiras era uma categoria de veras complexa, comecei a me relacionar com uma parte dessas religiões. Parte essa igualmente marginalizada entre alguns praticantes de candomblé e umbanda.

Entendemos, portanto, que não foi o dicionário em si que foi o responsável pela orientação negativa e preconceituosa da palavra. Existem, nesse caso, fatores que se conjugam para referida negatificação. Primeiramente, a própria relação com a magia e o sortilégio no Brasil desde nossa colonização. O uso descomprometido e, ao sabor das necessidades, com que sempre foram tratadas as religiões ou práticas não cristãs<sup>xxx</sup>. Em segundo momento, o próprio cenário republicano da primeira metade do século XX, que tenta impor um pensamento científico e, supostamente, modernizador ao pensamento social brasileiro. No bojo desse pensamento científico, a inserção do espiritismo francês na segunda década do século XX – que ia de encontro aos anseios da elite em uma religião não associada a nenhum atraso oriundo da cultura popular<sup>xxxi</sup>. Insta também salientar que o último fator para essa associação negativa ocorre no interior das religiões afro-brasileiras. A partir da década de 1950, candomblecistas de partes diferentes do país começam a valorizar sua ligação com as Áfricas, negando assim aproximações com os cultos ameríndios<sup>xxxii</sup>. A umbanda, por outro lado, em seu processo de legalização na década de 1940, negava também o sacrifício de animais e o uso de bebidas alcoólicas, rompendo em partes com a religião dos Orixás e aproximando-se do espiritismo Kardecista<sup>xxxiii</sup>. Assim, e se considerarmos a descrição feita por Roger Bastide, tanto candomblé, como umbanda teriam negado sua proximidade com a macumba – uma vez que esta palavra, já nas décadas de 1950-1960, se identificava a uma prática malévola e inferior. Percebo então que existem fatores internos e externos que referendam e deram sentido a exclusão e ao preconceito com a macumba. Mesmo assim, reconheço que o dicionário e um texto da imprensa oficial não podem responder a todas as questões quando tratamos de um objeto tão rico e complexo. Insta esclarecer ainda os usos pelos meios oficiais, seja legislação ou grande imprensa, da palavra macumba e suas relações com o significado construído.

## Notas:

- 
- <sup>i</sup> NEGRÃO, Lísias. Magia e religião na Umbanda. Revista USP nº: 31. São Paulo: 1996, pp.76-89. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/31/07-lisias.pdf>. Acesso: 25/09/2013.
- <sup>ii</sup> PRANDI, Reginaldo. Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- <sup>iii</sup> BASTIDE, Roger. O candomblé da Bahia: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- <sup>iv</sup> FERNANDES, Florestan. Integração do Negro na Sociedade de Classes, v.1, 8ªEd., Rio de Janeiro: Editora Globo: 2008.
- <sup>v</sup> CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- <sup>vi</sup> MAGGIE, Yvonne. O Arsenal da Macumba. Disponível em: <http://raizafricana.wordpress.com/2009/12/16/o-arsenal-da-macumba-por-yvonne-maggie/>. Acesso em: 02/07/2013.
- <sup>vii</sup> BRASIL. Código Penal de 1891. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=49209&norma=64990>. Acesso em: 02/07/2013.
- <sup>viii</sup> NEGRÃO, Lísias. Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- <sup>ix</sup> GOMES, Angela Maria de Castro. A Invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro: Vértice; IUPERJ, 1988.
- <sup>x</sup> PRANDI, Reginaldo. Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- <sup>xi</sup> PRANDI, Reginaldo. Idem.
- <sup>xii</sup> VERGER, Pierre. Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX. 3. ed. São Paulo: Corrupio, 1987, entre outros.
- <sup>xiii</sup> BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1989, p.195.
- <sup>xiv</sup> NEGRÃO, Lísias. Magia e religião na Umbanda. Revista USP nº: 31. São Paulo: 1996, pp.76-89. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/31/07-lisias.pdf>.
- <sup>xv</sup> CITELLI, Adilson. Linguagem e Persuasão. 4ed. São Paulo: Ática, 1989, p.33.
- <sup>xvi</sup> BASTIDE, Roger. Ibidem.
- <sup>xvii</sup> BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1989, p.24;36;239.
- <sup>xviii</sup> NEGRÃO, Lísias. Ibidem.
- <sup>xix</sup> BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo (SP): Brasiliense, 2011, p.229.
- <sup>xx</sup> CHARTIER, Roger. A História cultural: entre prática e representações. Castelo Branco (Portugal): DIFEL, 1988, p.17

- 
- <sup>xxi</sup> CHARITER, Roger. Idem.
- <sup>xxii</sup> CHARTIER, Roger. Idem. Ibidem.
- <sup>xxiii</sup> HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro (RJ) : Objetiva, 2009, p.1807.
- <sup>xxiv</sup> BASTIDE, Roger. Op.Cit.
- <sup>xxv</sup> JOÃO, do Rio; RODRIGUES, João Carlos. As religiões no Rio. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p.39-40.
- <sup>xxvi</sup> XAVIER, Charles Odevan. <http://odevan.blogspot.com.br/2012/09/kardecismo-macumba-umbanda-quimbanda-e.html>. Acesso em: 04/07/2013. ; NEGRÃO. Op.Cit.
- <sup>xxvii</sup> MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. 3 ed., Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2009, p.11.
- <sup>xxviii</sup> CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2007; COSTA, Emília Viotti. A abolição. 8ed. São Paulo (SP) : Universidade Estadual Paulista, 2008.
- <sup>xxix</sup> PRANDI, Reginaldo. Op.Cit.
- <sup>xxx</sup> SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- <sup>xxxi</sup> NEGRÃO, Lisias. Op.cit.
- <sup>xxxii</sup> PRANDI, Reginaldo. Op.Cit.
- <sup>xxxiii</sup> NEGRÃO, Lisias. Ibidem.

### **Referências bibliográficas:**

- BAK THIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 7. ed. São Paulo (SP) : HUCITEC, 1995, p.29.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações.** São Paulo (SP): Pioneira, 1971.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo (SP) : Brasiliense, 2011, p.223.
- CARNEIRO, Edison. **Religiões negras: notas de etnografia religiosa.** Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 1936.

---

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHARTIER, Roger. **Cultura Popular**: revisitando um conceito historiográfico. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>. Acesso em: 04/07/2013.

. **A História cultural**: entre prática e representações. Castelo Branco (Portugal): DIFEL, 1988, p.21.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 4ed. São Paulo: Ática, 1989, p.33.

COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. 8. ed. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2008.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco**: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 8 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOMES, Angela Maria de Castro. **A Invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Vértice; IUPERJ, 1988.

HOSBSBAWN, Eric John Ernest; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p.1807.

KOGURUMA, Paulo. **Conflitos do imaginário**: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “metrópole do café”, 1890-1920. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos**: problemas teóricos e práticos. Rio de Janeiro: Revista de Estudos Históricos, Fundação Getúlio Vargas. Vol.5, n. 10, 1992, p. 134-146. Disponível em:

---

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945/1084>. Acesso em: 25/09/2013.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MAGGIE, Yvonne. **O Arsenal da Macumba**. Disponível em: <http://raizaficana.wordpress.com/2009/12/16/o-arsenal-da-macumba-por-yvonne-maggie/>. Acesso em: 02/07/2013.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3 ed., Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2009, p.11.

NEGRÃO, Lísias. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **Magia e religião na Umbanda**. São Paulo: Revista USP nº: 31, 1996, pp.76-89. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/31/07-lisias.pdf>. Acesso: 25/09/2013.

PILAGALLO, Oscar. **História da Imprensa Paulista: Jornalismo e poder de D.Pedro I a Dilma**. São Paulo: Três estrelas, 2012.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás na Metrópole**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995, p.19-20.

---

VERGER, Pierre. Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX. 3. ed. São Paulo: Corrupio, 1987.

VERGER, Pierre. Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África. 2. ed. São Paulo (SP) : Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

XAVIER, Charles Odevan. **Kardecismo, macumba, umbanda e política.** Disponível em: <http://odevan.blogspot.com.br/2012/09/kardecismo-macumba-umbanda-quimbanda-e.html>. Acesso em: 04/07/2013.